

CRÍTICA DOS FUNDAMENTOS
DA PSICOLOGIA
A psicologia e a psicanálise

GEORGES POLITZER

TRADUÇÃO
Marcos Marcionilo e
Yvone Maria de Campos Teixeira da Silva

PREFÁCIO
Osmyr Faria Gabbi Jr.

INDICAÇÃO EDITORIAL E REVISÃO TÉCNICA
Márcio Mariguela

Título original
Critique des fondements de la psychologie
La psychologie et la psychanalyse
© Presses Universitaires de France, 1968
3ª edição: outubro de 1994
© 1928, Éditions Rieder
Copyright © 1998 no Brasil da Editora UNIMEP

Sumário

	Preâmbulo	33
	Introdução	37
1	As descobertas psicológicas na psicanálise e a orientação para o concreto	53
2	A introspeção clássica e o método psicanalítico	83
3	O arcabouço teórico da psicanálise e as sobrevivências da abstração	103
4	A hipótese do inconsciente e a psicologia concreta	131
5	A dualidade do abstrato e do concreto na psicanálise e o problema da psicologia concreta	163
	Conclusões – As virtudes da psicologia concreta e os problemas que levanta	181

PREÂMBULO

Este trabalho não é uma exposição. Não busca apresentar a psicanálise de maneira dogmática, na sua totalidade ou numa das suas partes, mas refletir sobre ela, a partir da perspectiva em que nos situamos. Supondo, por parte do leitor, conhecimento da psicanálise, deixamos de lado tudo o que é apenas articulação técnica ou simples questão de fato, quando nada vimos de significativo segundo nosso ponto de vista. Isso explica por que certos aspectos da psicanálise, tal como a sexualidade, que devem figurar em primeiro plano nas exposições dogmáticas, não aparecem neste trabalho.

Tampouco somos partidários do método que consiste em justificar os “mas” e os “se” por citações apropriadas. Se citamos menos do que se faz habitualmente em obras como a nossa, é porque a exatidão de nossa interpretação só pode ser verificada por uma reflexão pessoal. Da mesma forma, renunciamos à concepção que inspira a maioria das obras filosóficas francesas, que consiste em supor um leitor totalmente passivo, para não dizer estúpido, ao qual é preciso apresentar as coisas bem mastigadas, para dispensá-lo de todo esforço de reflexão pessoal.

Tal método é superficial e só oferece falsa clareza. Dificuldade e obscuridade, clareza e facilidade não são sinônimos. Devendo a precisão da idéia bastar-se a si mesma, as explicações que só se destinam a poupar o leitor do esforço são completamente inúteis, além de absolutamente desinteressantes para o próprio autor.

Eis por que omitimos quase tudo o que não é posição e desenvolvimento das idéias em si. Após ter dito uma vez, do modo mais claro possível, em que sentido censuramos os psicólogos clássicos, por considerar os fatos psicológicos como “coisas”, omitimos comparar a significação que essa censura tem para nós com a que tem para Bergson. Sabemos, de longe, não ser o único a empregar o termo “concreto”, mas o sentido que ele tem em nosso texto deve precaver contra qualquer confusão, embora não tenhamos examinado todas as suas significações. Tampouco analisamos uma a uma as diversas definições do fato psicológico e as críticas clássicas da introspecção, para mostrar que as primeiras implicam a abstração e as últimas esqueceram o essencial. Também não eternizamos a idéia do drama nela mesma; não mostramos, de cada uma das construções teóricas de Freud, a maneira pela qual a abstração permite gerá-las a partir de um fato concreto e a maneira como esse fato concreto pode ser encontrado ao se refazer, em sentido inverso, o caminho da abstração. Poderíamos citar muitas outras passagens em que evitamos as explicações.

Todos esses desenvolvimentos não teriam sido inúteis. Porém, o leitor que aceitar fazer o esforço necessário saberá achá-los; para os que se recusam a qualquer esforço do gênero, todas as explicações do mundo seriam insuficientes.

Não queremos, contudo, encobrir com essa consideração o que há de impreciso e de provisório neste estudo. Nosso trabalho é ponto de partida; primeiro, por ser o tomo I dos *Matériaux*, depois, porque faz parte de uma série de escritos preliminares.¹ Se, por exemplo, não desenvolvemos a idéia de significação e a de drama até o ponto em que sua dualidade, um pouco embaraçosa no presente escrito, cedesse lugar a uma concepção clara das suas relações, é porque os elementos desse desenvolvimento pertencem já ao tomo II dos *Matériaux*, o qual tratará da *Gestalttheorie*. Pela mesma razão, não aprofundamos a idéia de forma, embora nos sirvamos dela algumas vezes. Outros pontos, como, por exemplo, a análise da noção de

¹ Trata-se do projeto de construção da psicologia concreta. Os outros tomos anunciados (ver nota 9) não foram escritos. A adesão de Politzer ao Partido Comunista Francês, um ano após a publicação do presente ensaio, levou-o a abandonar esse projeto. Os tomos I (Psicanálise), II (*Gestalttheorie*) e III (Behaviorismo) projetados para *Matériaux pour la Critique sur les Fondements de la Psychologie* deveriam compor uma obra maior, que também não foi escrita: *Essai Critique sur les Fondements de la Psychologie*. (Nota do revisor técnico – NRT)

consciência ou o estudo sistemático de todos os procedimentos clássicos que mencionamos ao longo deste estudo, só podem ser desenvolvidos no *Essai* que virá após os *Matériaux*.

Se tivermos a sorte de encontrar críticos bastante esclarecidos para não nos resservir, sob pretexto de que arrombamos portas abertas, exatamente aquilo a partir de que queremos encetar a discussão, perceber-se-á, talvez, que ao fazer este trabalho não podíamos encontrar muitos pontos de apoio — pelo menos na literatura psicológica francesa. Poder-se-á aceitar a idéia de que queremos a psicanálise exposta em termos de Gestalt e de behavior. Todavia, não se esqueça que nossa posição ante a *Gestalttheorie* e o behaviorismo não poderá ser exposta com clareza a não ser nos estudos que pretendemos dedicar-lhes.

De modo geral, não nos interessa saber em que medida as reflexões contidas neste volume ou nos seguintes são “originais”. Se levantamos essa questão é unicamente para poder esclarecer mais um ponto. Dos cotejos que se fizerem, alguns serão legítimos, mas não nos esqueçamos do seguinte: para nós, trata-se essencialmente de apresentar os problemas de tal maneira que a discussão, sem nunca poder voltar a essa psicologia que não deve mais existir senão para o historiador, possa partir de uma nova base e seguir um plano renovado. Se nossas fórmulas se encontrarem em outros, ou se futuramente se revelarem inadequadas, isso não pode ter, considerando a nossa posição, importância alguma, pois não se trata, no momento, de fórmulas, mas de uma orientação nova.

G.P.

INTRODUÇÃO

1. – Se ninguém pensa em protestar contra a afirmação geral de que as teorias são mortais e que a ciência só pode avançar sobre suas próprias ruínas, não é possível fazer com que seus representantes constatem a morte de uma teoria atual. A maioria dos cientistas compõe-se de pesquisadores que, não tendo o sentido da vida nem o da verdade, só podem trabalhar à sombra de princípios oficialmente reconhecidos: não se pode pedir que reconheçam uma evidência que não é *dada*,² mas a ser criada. Seu papel histórico é outro: consiste no trabalho de aprofundamento e de exploração; é por meio deles que os “princípios” gastam sua energia vital; instrumentos respeitáveis da ciência, são incapazes de renovar-se e de renová-la. Reconhecem a mortalidade de todas as teorias, mesmo das próprias, mas só no abstrato: parece-lhes sempre inverossímil que o momento da morte tenha chegado.

2. – É por isso que os psicólogos ficam escandalizados quando lhes falamos da morte da psicologia oficial, dessa psicologia que se propõe estudar os “processos psicológicos”, seja querendo captá-los em si mesmos, seja em seus concomitantes ou determinantes psicológicos, seja por meio de métodos “multicolores”.

Não é porque a psicologia esteja de posse de resultados fecundos e positivos que só se pode duvidar negando o próprio espírito científico: sabe-se que, por um lado, só existem, no momento, pesquisas “perdidas” e, por outro, promessas, e que tudo está ainda na expectativa de um misterioso aperfeiçoamento que o futuro deve trazer-nos generosamente. Não há, tampouco, pelo menos a respeito do que já se fez, um acordo unânime entre os psicólogos, acordo que pode desencorajar de saída os “energúmenos”: sabe-se que a história da psicologia, nestes últimos

² Politzer assinala em itálico, ao longo do texto, palavras, conceitos, frases, sentenças e parágrafos. Tal recurso enfatiza pontos essenciais de sua escrita, demarcando o estilo do autor. Elisabeth Roudinesco observou: “Poltizer é não somente um autêntico leitor de Freud, como tem a envergadura de um grande teórico. Sob sua pena, a língua francesa possui uma verve e uma fineza incomparáveis. Esse húngaro não respeita nada, nem as celebridades, a quem trata de vasos de porcelana, nem a famosa ‘inteligência francesa’, cujo ridículo fustiga com toda força.” *In: História da Psicanálise na França – A batalha dos cem anos – v. 2: 1925-1985*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988, p. 76. (NRT)

cinquenta anos, não é senão uma epopéia de desilusões e que, ainda hoje, novos programas são lançados a cada dia para fixar as esperanças tornadas disponíveis.

Se os psicólogos protestam, e se podem protestar com certa aparência de boa fé, é porque conseguiram abrigar-se numa posição cômoda. Com as suas necessidades científicas satisfeitas pelo manejo, mesmo estéril, dos aparelhos e com a obtenção de alguns dados estatísticos que não têm por hábito sobreviver à sua publicação, proclamam que a ciência é feita de paciência e rechaçam todo controle e toda crítica sob pretexto de que a “metafísica” nada tem a ver com a ciência.

3. – Essa história de cinquenta anos, da qual os psicólogos tanto se orgulham, não é senão a história de um charco de rãs. Incapazes de descobrir a verdade, os psicólogos a esperam cotidianamente, de qualquer um e de qualquer lugar, mas como não têm idéia alguma da verdade, não sabem reconhecê-la nem captá-la: vêem-na em qualquer coisa e se tornam vítimas de todas as ilusões.

Wundt aparece primeiro para preconizar a psicologia “sem alma” e então começa a migração dos aparelhos dos laboratórios de fisiologia para os dos psicólogos. Quanto orgulho! Quanta alegria! Os psicólogos têm laboratórios e publicam monografias... Acabam-se as disputas verbais: *calculemos!* Puxam-se os logaritmos pelo cabelo e Ribot calcula o número de células cerebrais para saber se podem abrigar todas as idéias. Nasce a psicologia científica.

De fato, porém, que miséria: o mais insípido formalismo vence protegido por uma complacência universal e aplaudido por todos aqueles que só conhecem da ciência os lugares comuns da metodologia. Aparentemente, é claro, esses psicólogos prestaram serviço à psicologia combatendo as velharias eloqüentes da “psicologia racional”, quando, na realidade, só lhe construíram um refúgio onde, ao abrigo da crítica, ela ainda tinha possibilidades de sobrevivência.

Quando se conseguiu medir as associações ao milésimo de segundo, fez-se sentir a lassidão. Felizmente, os “reflexos condicionados” chegaram para reanimar a fé. Que descoberta! Aos psicólogos maravilhados, Bechtherev apresenta a “psicoreflexologia”. Mas esse movimento adormece logo. A seguir, ora é a afasia, ora a teoria fisiológica das emoções, ora as glândulas endócrinas que fazem renascer as grandes esperanças combatidas, mas aí só viceja a tensão e a distensão de um desejo impotente, porque quimérico, e ao mesmo tempo, após cada período de agitação “objetivista”, reaparece o monstro vingativo da introspecção.

4. – Longe de representar um novo triunfo do espírito científico, o advento da psicologia “experimental” não passava de humilhação. Em vez de se deixar renovar por esse espírito e de o servir, tratava-se de utilizá-lo para dar nova vida a velhas tradições que não a tinham mais e para as quais ele era a última chance de sobrevivência. Isso explica o fato, hoje reconhecido, de que todas as psicologias “científicas” que se sucederam desde Wundt não passam de disfarces da psicologia clássica. A diversidade de tendências só representa os sucessivos renascimentos dessa ilusão que consiste em crer que a ciência pode salvar a escolástica. Pois, em todos os fatos, fisiológicos ou biológicos, de que se apossaram, os psicólogos só procuraram isso. É também o que explica a impotência do método científico nas mãos dos psicólogos.

5. – Vistos a partir da seriedade com que concebem o método científico, os cientistas formam uma verdadeira hierarquia. Por ser o mundo da quantificação o mundo próprio dos matemáticos, movem-se nele com naturalidade e são os únicos a não transformar seu rigor em desfile. O uso que os físicos fazem das matemáticas, algumas vezes, já se ressentem do fato de elas representarem para eles apenas um traje de aluguel; a pura envergadura dos matemáticos pode ser-lhes inacessível e eles são freqüentemente *bitolados*. Mas tudo isso é nada comparado ao que acontece no andar debaixo. Os fisiólogos já mergulham terrivelmente na magia dos números, e o entusiasmo pela forma quantitativa das leis transforma-se neles em adoração do fetiche. Todavia, esse impedimento não pode fazer esquecer a seriedade fundamental que encobre. Os psicólogos, por sua vez, recebem a matemática de terceira mão: dos fisiólogos que a receberam dos físicos, que, só eles, as herdaram dos matemáticos. Em cada etapa, o nível do espírito científico sofre uma queda e quando, no final, a matemática chega aos psicólogos, é “um pouco cobre e vidro” que eles imaginam ser “ouro e diamante”. O mesmo se dá com o método experimental. É o físico que detém uma visão séria dele; só ele não brinca com ela, é só nas mãos dele que ela é uma técnica racional que não degenera em magia. O fisiólogo já tem

forte tendência para a magia: nele, o método experimental degenera frequentemente em *pompa* experimental. O que dizer, então, do psicólogo? Nele, tudo é *pompa*. Apesar de todos os seus protestos contra a filosofia, ele só vê a ciência mediante lugares-comuns a respeito dos quais esta lhe ensinou. Como foi-lhe dito que a ciência é feita de paciência, que foi sobre pesquisas de pormenores que se edificaram as grandes hipóteses, crê que a paciência é um método em si e que basta procurar detalhes cegamente para atrair o Messias sintético. Atrapalha-se, então, no meio dos aparelhos, ora se lança na fisiologia, ora na química, na biologia; acumula médias estatísticas e está seguro de que, para adquirir a ciência, como para adquirir a fé, é preciso tornar-se estúpido.

Entenda-se: os psicólogos são tão cientistas como os selvagens evangelizados são cristãos.

6. – A negação radical da psicologia clássica, introspeccionista ou experimental, encontrada no behaviorismo de Watson, é uma descoberta importante. Significa, precisamente, a condenação desse estado de espírito que consiste em crer na magia da forma sem compreender que o método científico exige uma radical “reforma do entendimento”. Não se pode, qualquer que seja a sinceridade da intenção e a vontade da precisão, transformar a física de Aristóteles em física experimental. Sua natureza recusa-se a isso e seria totalmente ilegítimo, numa tentativa do gênero, confiar nos aperfeiçoamentos do futuro.

7. – A história da psicologia nos cinquenta últimos anos não é, portanto, como se costuma afirmar no início dos manuais de psicologia, a história de uma organização, mas a de uma *dissolução*. Daqui a cinquenta anos, a psicologia autenticamente oficial de hoje aparecerá como aparecem agora a alquimia e as fabulações verbais da física peripatética. Brincar-se-á ainda com as fórmulas retumbantes pelas quais se iniciaram os psicólogos “científicos” e com as penosas teorias a que chegaram; com esquemas estatísticos e esquemas dinâmicos, e a teologia do cérebro constituirá um estudo divertido, como a teoria antiga dos temperamentos — logo, porém, tudo será relegado à história das doutrinas incompreensíveis e estranhar-se-á sua persistência, como se faz hoje com a escolástica.

Compreender-se-á, então, o que parece incrível agora, que o movimento psicológico contemporâneo não é senão a *dissolução do mito da dupla natureza humana*.

O estabelecimento da psicologia científica supõe exatamente essa dissolução. Todas as articulações que uma elaboração nocional introduziu nessa crença primitiva devem apagar-se uma a uma, e a dissolução deve proceder por etapas: hoje ela já deveria estar terminada. Sua duração foi consideravelmente prolongada, apenas pela possibilidade que se ofereceu às teses mortas de renascer graças ao respeito que cerca os métodos científicos.

8. – Enfim chegou o momento da liquidação definitiva de toda essa mitologia. Hoje a dissolução não pode mais afetar a forma da vida e pode-se, agora, reconhecer com segurança o fim no fim. Atualmente, a psicologia está no estado em que se encontrava a filosofia no momento da elaboração da *Crítica da Razão Pura*. Sua esterilidade é óbvia, seus procedimentos constitutivos dão nas vistas, e enquanto uns confinam-se numa escolástica impressionante por sua apresentação, mas que não progride de forma alguma, outros lançam-se em soluções desesperadas. Mas um sopro novo faz-se sentir: há o desejo de que toda essa história tenha acabado, mas recai-se constantemente nas fantasias escolásticas. Portanto, falta alguma coisa: *o reconhecimento claro de que a psicologia clássica nada é senão a elaboração nocional de um mito*.

9. – Esse reconhecimento não deve ser uma crítica semelhante às que lotam a literatura psicológica: estas mostram ora o fracasso da psicologia subjetiva, ora o da psicologia objetiva, e preconizam periodicamente o retorno da tese à antítese e da antítese à tese. Conseqüentemente, não se deve encetar uma disputa que, novamente, permaneça no *interior* da psicologia clássica e cujo benefício se restringe a fazer a psicologia voltar-se sobre si mesma. É necessária uma crítica renovadora, uma crítica que, pela liquidação clara do que tem sido, ultrapasse o ponto morto em que se acha a psicologia e crie essa grande evidência que é preciso comunicar.

10. – Contrariamente a toda expectativa, não é do exercício do método objetivo que vem essa visão da psicologia nova que a crítica em questão supõe. *O resultado desse exercício é inteiramente negativo*: de fato, desembocou no behaviorismo. Watson reconheceu precisamente que a psicologia objetiva clássica não é objetiva no verdadeiro sentido da palavra, pois afirmou que, após cinquenta anos de psicologia científica, já era tempo de a psicologia tornar-se uma

ciência positiva. Ora, o behaviorismo marca passo ou, melhor, desgraça muito maior lhe sobreveio. Inicialmente encantados pela noção de *behavior*, os behavioristas acabaram por descobrir que o behaviorismo conseqüente, o de Watson, não tem saída e, chorando as panelas da psicologia introspectiva, voltam, sob pretexto de “behaviorismo não-fisiológico”, a noções francamente introspectivas ou limitam-se a traduzir em termos de *behavior* as noções da psicologia clássica. Tem-se, então, o pesar de constatar que, em alguns, pelo menos, o behaviorismo só serviu para dar forma nova à ilusão da objetividade.³ O behaviorismo apresenta, então, o seguinte paradoxo: para afirmá-lo sinceramente é preciso renunciar a desenvolvê-lo e, para desenvolvê-lo, é preciso renunciar a sua afirmação sincera; o que, então, despoja-o de toda razão de ser.

Aliás, isso não é de se estranhar. A verdade do behaviorismo é constituída pelo reconhecimento do caráter mitológico da psicologia clássica e a noção de *behavior* só é válida quando considerada no seu esquema geral, anteriormente à interpretação que os watsonianos e os outros lhe dão. Cinquenta anos de psicologia científica só conseguiram chegar à afirmação de que a psicologia científica está apenas começando.

11. – A psicologia objetiva clássica não podia chegar a outro resultado. Nunca passou da impossível vontade da psicologia introspectiva de vir a ser uma ciência da natureza e só representa a homenagem desta última ao gosto da época. Houve um momento em que a própria filosofia, inclusive a metafísica, pretenderam fazer-se “experimentais”, mas não se levou a intenção a sério. A psicologia conseguiu enganar.

De fato, nunca houve psicologia objetiva diferente dessa psicologia que se fingia negar. Os psicólogos experimentais nunca tiveram idéias próprias, sempre utilizaram o velho estoque da psicologia “subjetiva”. Cada vez que se descobriu que certa tendência havia sido vítima dessa ilusão, recomeçou-se em outra direção, crendo que se podia fazer melhor partindo dos mesmos princípios. Eis por que esses pesquisadores, a quem o método científico devia dar asas, sempre estiveram atrasados em relação aos psicólogos introspeccionistas, pois enquanto os primeiros ocupavam-se em formular “cientificamente” as idéias dos últimos, esses nada mais tinham a fazer a não ser reconhecer as próprias ilusões. Agora, a psicologia experimental só consegue reconhecer seu próprio vazio e a psicologia introspeccionista continua com suas maravilhosas e emocionantes promessas, enquanto entre psicólogos que abandonam o interesse pela fisiologia das sensações, pelos laboratórios clássicos e pelo “devir movente” da consciência surge, com uma visão clara dos erros, a indicação de uma direção realmente fecunda.

12. – É à luz das tendências que procuram subtrair-se à influência dos problemas e das tradições da psicologia subjetiva, assim como da objetiva, que devem ser vistos os aspectos positivo e negativo da crítica que empreendemos. Mesmo admitindo que essa crítica não deve ser o resultado de um trabalho puramente nocional, sua validade não exige que se comece “por baixo”. É o tronco que ela irá atacar, a *ideologia central da psicologia clássica*. Não se trata de desbastar galhos, mas de derrubar a árvore. Tampouco é questão de condenar tudo em bloco: há fatos que sobreviverão à morte da psicologia clássica, mas só a nova psicologia poderá dar-lhes a verdadeira significação.

13. – O que há de mais notável em toda a história da psicologia não é a oscilação entre os dois pólos da objetividade e da subjetividade, nem a falta de genialidade que caracteriza o modo de os psicólogos utilizarem o método científico, mas o fato de a psicologia clássica nem chegar a representar a forma falsa de uma ciência verdadeira, pois é a própria ciência que é falsa, radicalmente, fora qualquer questão de método. A comparação da psicologia com a física de Aristóteles não é totalmente exata, pois nem é dessa maneira que a psicologia é falsa, mas à maneira das ciências ocultas: o espiritismo e a teosofia que, também, simulam uma forma científica.

As ciências da natureza que se ocupam do homem não esgotam tudo que se pode aprender a respeito deste. O termo “vida” designa um fato “biológico”, ao mesmo tempo que a vida

³ O manual de Warren é muito significativo a esse respeito.

propriamente humana, *a vida dramática*⁴ do homem. Essa vida dramática apresenta todas as características que tornam uma área suscetível de ser estudada cientificamente. Mesmo que não existisse psicologia, é em nome dessa possibilidade que ela deveria ser inventada. Ora, as reflexões sobre essa vida dramática só conseguiram encontrar lugar na literatura e no teatro, e embora a psicologia clássica afirme a necessidade de estudar os “documentos literários”, nunca houve, de fato,⁵ verdadeira utilização, independente dos objetivos abstratos da psicologia. Assim, em vez de poder transmitir à psicologia o tema concreto que se tinha refugiado nela, é a literatura que acabou por sofrer a influência da falsa psicologia: os beletristas viram-se obrigados, em sua ingenuidade e ignorância, a levar a sério a “ciência” da alma.

De todo modo, a psicologia oficial deve seu nascimento a inspirações radicalmente opostas às únicas que podem justificar sua existência; mais grave ainda, ela se alimenta exclusivamente dessas inspirações. Com efeito, e para dizê-lo em termos realistas, só representa uma elaboração nocional da crença geral nos demônios, isto é, por um lado, da mitologia da alma, e por outro, do problema da percepção, tal como se apresenta à filosofia antiga. Quando os behavioristas afirmam que a hipótese da vida interior representa um resto de animismo, divisam perfeitamente o verdadeiro caráter de uma das tendências cuja fusão deu origem à psicologia atual. Aí está uma história muito instrutiva, mas cujo relato ultrapassa os limites deste estudo. Em termos gerais, a atitude mística e “pedagógica” diante da alma, os mitos escatológicos incorporados no cristianismo sofreram, em dado momento, uma queda e se encontraram repentinamente rebaixados ao nível de um estudo dogmático inspirado por um realismo bárbaro, encontrando assim a inspiração do tratado aristotélico da alma. Enquanto esse estudo devia, de um lado, servir à teologia, procurou, por outro, constituir um conteúdo para si, colhendo elementos na teoria do conhecimento, na lógica e na mitologia, indistintamente. Formou-se assim um tecido de temas e de problemas bem delimitados para formar uma parte distinta da filosofia. Pode-se dizer que, desde sua formação, o conjunto estava completo e, em todo caso, não se fez, até hoje, descoberta psicológica alguma digna desse nome: o trabalho psicológico, desde Gocklen ou, se preferir, desde Christian Wolff, jamais foi além do *nocional*: trabalho de elaboração, de articulação, enfim, a racionalização de um mito e, finalmente, sua crítica.

14. – A crítica kantiana da “psicologia racional” deveria ter arruinado definitivamente a psicologia. Poderia ter determinado imediatamente uma orientação para o concreto, para a verdadeira psicologia que, sob a forma humilhante da literatura, foi excluída da “ciência”. Mas a *Crítica* não produziu esse efeito. Ela certamente eliminou a noção de alma, mas, por ser a refutação da psicologia racional apenas uma aplicação da crítica geral das coisas em si, parece que o resultado, para a psicologia, foi um “realismo empírico, paralelo ao que se impõe à ciência depois da ruína da coisa em si. Como a interpretação corrente não retém a idéia extraordinariamente fecunda da anterioridade da experiência externa à experiência interna, para reter apenas o paralelismo, a *Crítica da razão pura* parece consagrar a hipótese da vida interior.⁶ O velho estoque da psicologia pôde sobreviver, e é sobre ele que se abateram as exigências em voga no século XIX: experiência e cálculo. Começa, então, a lamentável história, o *Carmen Miserabile*.

15. – O culto da alma é essencial para o cristianismo. O antigo tema da percepção jamais teria sido suficiente para gerar a psicologia: é da religião que lhe vem a forma. Uma vez constituída em tradição, a teologia da alma sobreviveu ao cristianismo e continua vivendo dos alimentos comuns a todas as escolásticas. O respeito de que conseguiu se cercar, graças ao

4 Entenda-se, *de uma vez por todas*, que designamos pelo termo “drama” um *fato* e que fazemos abstração total das ressonâncias românticas dessa palavra. Portanto, pedimos que o leitor se habitue a essa aceção simples do termo e esqueça sua significação “emotiva”.

5 Fora a psicanálise.

6 As posições de Politzer sobre a experiência interna aparecem no artigo Introdução, publicado em *L'Esprit*, 1º Caderno, maio de 1926. Esse artigo faz um relatório da situação real da filosofia contemporânea e conduz o autor à seguinte conclusão: “Portanto, todos aqueles que nos cercam, racionalistas, intuicionistas, bergsonianos ou antibergsonianos, idealistas, pragmáticos, neokantianos, neohegelianos, neorealistas, realistas críticos e, com eles, todos os filósofos que brincam com a arte, com a ciência e com a religião, todos pertencem à mesma categoria, são filósofos sem matéria. Parecem pertencer todos à mesma escola: a escolástica contemporânea.” (coletânea *A Filosofia e os Mitos*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p. 28). Após analisar a filosofia contemporânea girando na órbita da *Crítica da Razão Pura*, Politzer apresenta sua descoberta inaugural: o homem concreto. (NRT)

disfarce científico, permitiu-lhe vegetar mais um pouco e, graças a esse artifício, conseguiu sobreviver a si mesma.

Mas seria errado afirmar que a psicologia clássica alimenta-se apenas do passado. Pelo contrário, ela conseguiu alcançar certas exigências modernas: a vida interior, no sentido “fenomenista” da palavra, afinal conseguiu tornar-se um “valor”.

A ideologia da burguesia não teria sido completa se não tivesse encontrado a sua mística. Após diversas tentativas, ela parece tê-la, enfim, encontrado: na vida interior da psicologia. A vida interior convém perfeitamente a esse destino. Sua essência é a mesma da nossa civilização, a saber, a *abstração*: só implica a vida em geral e o homem em geral, e os “sábios” atuais são felizes de herdar essa concepção aristocrática do homem com um maço de problemas de alto luxo.

Além do mais, a religião da vida interior parece ser o melhor meio de defesa contra os perigos de uma renovação verdadeira. Por não comportar vinculação a nenhuma verdade determinada, mas apenas um jogo desinteressado com as formas e as qualidades, ela dá a ilusão da vida e do progresso “espiritual”, enquanto a abstração, que é sua essência, trava toda vida verdadeira; e como ela só se comove com sua própria profundidade, é um eterno pretexto para ignorar a verdade.

Eis por que a vida interior é recomendada por todos os que querem captar as vontades de renovação antes que possam vincular-se a seu verdadeiro objeto, para que a gula das qualidades tome o lugar da compreensão da verdade. Eis também a razão pela qual todos os que são fracos demais para mostrar-se “difíceis” agarram a vara estendida: essa oferta de salvar-se contemplando o próprio umbigo parece irresistível...

16. – Portanto, a psicologia clássica é duplamente falsa: falsa perante a ciência e falsa perante o espírito. Quantos não se alegrariam por nos ver sozinhos com nossa condenação da vida interior! Que prazer teriam em nos mostrar as “bases científicas” da falsa sabedoria! Todas essas “filosofias da consciência” que fazem malabarismo com as noções emprestadas da psicologia, todas essas sabedorias que convidam o homem a aprofundar-se, quando se trata exatamente de obrigá-lo a sair da sua forma atual, todas elas poderiam ter continuado a ver com grande satisfação a afirmação da legitimidade do seu procedimento fundamental na psicologia.

Mas as duas condenações encontram-se. A falsa sabedoria seguirá no túmulo a falsa ciência: seus destinos estão ligados e elas morrerão juntas, porque a *abstração morre*. A visão do homem concreto expulsa-a dos dois campos.

17. – Esse acordo não deve ser razão para confundir as duas condenações. É muito mais eficaz separá-las e desligar primeiro a condenação da abstração pela própria psicologia. Ora, essa condenação aparece na mais técnica psicologia e é afirmada por autores que tudo ignoram das nossas exigências. Mas esse encontro nada tem de fortuito: a verdade trabalha todos os campos ao mesmo tempo e suas diversas fulgurações acabam por se unir numa verdade única.

Por querer separar essas duas condenações, em princípio, precisamos separá-las também materialmente. Eis por que é preciso começar por fixar o sentido da dissolução da psicologia clássica, empenhando-nos no estudo das tendências que, ao mesmo tempo em que acabam a dissolução, prenunciam a nova psicologia.

18. – Três tendências podem figurar no caso: a psicanálise, o behaviorismo e a *Gestalttheorie*. Grande é o valor da *Gestalttheorie*, sobretudo do ponto de vista crítico: ela implica a negação do procedimento fundamental da psicologia clássica, que consiste em desfazer a forma das ações humanas para tentar, depois, reconstituir a totalidade, que é *sentido* e *forma*, a partir de elementos insignificantes e amorfos. O behaviorismo conseqüente, o de Watson, reconhece o fracasso da psicologia objetiva clássica e traz, com a idéia de *behavior*, pouco importando a sua interpretação, uma definição concreta do fato psicológico. Mas a mais importante das três tendências é, incontestavelmente, a psicanálise. É ela que nos faz ver claramente os erros da psicologia clássica e nos mostra, desde já, a nova psicologia em vida e em ação.

Ao mesmo tempo em que elas contêm a verdade, essas três tendências encerram o erro sob três aspectos diferentes e, por isso mesmo, conduzem seus discípulos por vias que afastam mais uma vez a psicologia da sua direção verdadeira.

A *Gestalttheorie*, no sentido amplo da palavra (incluindo Spranger), entrega-se, por um lado, como Spranger⁷, a construções teóricas e não parece, por outro, poder libertar-se das preocupações da psicologia clássica.

O behaviorismo é estéril ou recai na fisiologia, na biologia, até mesmo na introspecção mais ou menos disfarçada, em vez de esquecer realmente tudo para esperar apenas pelas surpresas da experiência.

Por seu lado, a psicanálise viu-se tão sobrecarregada pela experiência que, enfim consultada, só queria falar, não teve tempo de dar-se conta de que esconde em seu seio a velha psicologia, que ela tem por missão suprimir, e alimenta com sua força um romantismo sem interesse e especulações que só resolvem problemas ultrapassados.

Por outro lado, e de modo geral, é de maneira implícita ou com certa timidez que a maioria dos autores ousa condenar a psicologia clássica. Parecem querer preparar o trabalho dos que vêm a salvação na conciliação dos contrários, sem perceber que se trata de mais uma ilusão, pois é impossível justapor tendências que levantam, em relação uma à outra, ou às outras, a questão prévia.⁸ Quanto aos que, como Watson e seus discípulos, ousam pronunciar uma condenação franca, suas afirmações a respeito da falsidade da psicologia clássica e as razões dessa falsidade são tão pouco articuladas que não impedem seus próprios autores de recair nas atitudes condenadas, o que faz com que suas declarações sejam para uma verdadeira crítica dos fundamentos da psicologia o que as reflexões gerais sobre a fraqueza do “entendimento humano” são para a *Crítica da Razão Pura*.

19. – Para ser eficaz, a crítica da psicologia deve fazer-se sem dó, e só deve respeitar o que é verdadeiramente respeitável: falsas deferências, o receio de errar externando todo o pensamento ou tudo o que o pensamento implica, só encompridam o caminho sem outra vantagem além da confusão.

Essa timidez explica-se facilmente pelo fato de ser realmente difícil arrancar-nos dessa psicologia que nos aprisionou por tanto tempo. Os esquemas que ela nos dá não só nos parecem indispensáveis do ponto de vista prático, mas estão tão profundamente ancorados em nós que ressurgem no meio dos mais sinceros esforços que fazemos para nos livrar deles. É então possível ver uma evidência insuperável nessa tenacidade com que nos perseguem. Assim, por exemplo, a afirmação de que a vida interior não tem mais existência que os espíritos animais, e que as noções atribuídas à vida interior são tão escassas que é completamente inútil traduzi-las em termos de *behavior*, parece-nos impossível conceber, à primeira vista.

Mas, atenção! Só há nisso a tentação própria das velhas evidências. A crítica consiste precisamente em desmontá-las, peça por peça, para pôr a nu os procedimentos que as constituem e os postulados implícitos que elas encobrem. Eis por que não deve, sob pena de ficar ineficaz, restringir-se a afirmações gerais que condenam sem executar: a crítica deve chegar à execução.

Isso tampouco está isento de dificuldades. A cada passo surgirá dúvida quanto ao direito de livrar-se de tal evidência ou de determinado problema. Mas em momento algum se deve esquecer que nossa “sensibilidade” é falseada, e que só prosseguindo poderemos adquirir uma visão justa que nos permitirá reconhecer o que deve ser salvo, e veremos, então, como as evidências que, de perto, parecem incontornáveis não o são quando olhadas à distância.

20. – Enfim, voltando às tendências de que acabamos de falar, o ensinamento que elas comportam para a psicologia beira a anulação por conta da nostalgia, que chama seus partidários ao retorno, e porque uma liquidação radical da psicologia clássica não lhes permite livrar-se dela para sempre.

Eis por que, a fim de libertar o ensino em todo o seu alcance e em todo o seu rigor, dedicaremos um estudo a cada uma das tendências que mencionamos. Serão estudos preliminares que devem preparar a própria crítica, esclarecê-la no plano das suas articulações e fornecer-lhe as peças constitutivas; esses estudos formarão os *Matériaux pour la Critique des*

7 Cf. *Lebensformen*, 5ª ed.; Halle, 1925.

8 Freud, por exemplo, encarrega-se ele próprio de conduzir a psicanálise à psicologia clássica, como mais adiante veremos.

Fondements de la Psychologie.⁹ A crítica em si, em que o problema que acabamos de expor será tratado em si e sistematicamente, deve figurar no *Essai critique sur les fondements de la psychologie*, o qual virá depois dos *Matériaux*. *Esse caráter preparatório e, conseqüentemente, provisório dos Matériaux jamais deve ser esquecido*; eles ainda não contêm a crítica, representam apenas os primeiros instrumentos, ainda toscos, com os quais serão forjados os instrumentos apropriados.

21. – Evidentemente, essa pesquisa que empreendemos nos *Matériaux* não pode ser feita no vazio. Não temos a mínima pretensão de examinar as tendências em questão sem idéias preconcebidas, “ingenuamente”. Afirmações desse tipo podem ser sinceras, mas nunca verdadeiras, pois não há crítica verdadeira sem o pressentimento da verdade. A questão toda consiste em saber qual é a origem desse pressentimento.

No que nos diz respeito, é refletindo sobre a psicanálise que percebemos a verdadeira psicologia. Isso poderia ter sido um acaso, mas não o é, pois só a psicanálise pode, hoje e de direito, dar a visão da verdadeira psicologia, por ser, e só ela, a sua encarnação. Os *Matériaux* devem, portanto, começar pelo exame da psicanálise: tratar-se-á, buscando o ensinamento que a psicanálise comporta para a psicologia, de obter esclarecimentos que nos permitirão não esquecer o essencial no exame das outras tendências.

22. – A primeira onda de protesto que o surgimento da psicanálise levantou parece, agora, suavizada, embora a tenhamos visto recrudescer com violência na França,¹⁰ recentemente, e a situação tornou-se menos tensa entre a psicologia clássica e a psicanálise. Essa mudança de atitude, que pode ser interpretada como uma vitória da psicanálise, representa, entre os psicólogos, apenas uma mudança de tática. Percebeu-se que a primeira maneira de combater a psicanálise, em nome da moral e das conveniências, equivalia a entregar o terreno, sem luta, aos psicanalistas e que é muito mais elegante, e muito mais eficaz, adquirir, por meio de uma prova de liberalidade — a qual consiste em dar a Freud o lugar que lhe pertence em psicologia, no capítulo do inconsciente —, o direito de fazer a respeito da psicanálise as reservas que a “ciência” exige. Trata-se, pois, graças a certo número de assimilações, de fazer recair sobre Freud todo o desprezo que se tem atualmente por certas tendências, e afirma-se, então, que a psicanálise não passa de um renascimento da velha psicologia associacionista; que se baseia por inteiro na psicologia da *Vorstellung* etc.

23. – No que, por outra parte, diz respeito a seus adeptos, só vêm na psicanálise libido e inconsciente. De fato, Freud é para eles o Copérnico da psicologia, por ser o Cristóvão Colombo do inconsciente e, de acordo com eles, longe de fazer reviver a psicologia intelectualista, a psicanálise liga-se, pelo contrário, a esse grande movimento que se esboça a partir do século XIX e que enaltece a importância da vida afetiva; com a teoria da libido, com a primazia do desejo sobre o pensamento intelectual, enfim, com a teoria do inconsciente afetivo, a psicanálise é o coroamento desse movimento todo.

24. – Não é difícil perceber que essa imagem, agora clássica, que os adeptos dão da psicanálise, vai diretamente no sentido dos desejos da psicologia clássica, ajudando-a a restabelecer seu equilíbrio após o abalo recebido da psicanálise. Pois, atribuindo a Freud só os méritos de Colombo e de Copérnico, a psicanálise passa simplesmente a ser um progresso dentro da psicologia clássica; uma simples inversão dos valores da antiga psicologia, inversão só da ordem hierárquica dos seus valores; um conjunto de descobertas que as categorias da psicologia oficial podem perfeitamente receber, contanto que se dilatam um pouco para armazenar tanta matéria. Com efeito, o que a discussão orientada dessa forma levanta são teorias e atitudes, não *a própria existência* da psicologia clássica.

Na verdade, não há *evolução*, mas uma revolução um pouco mais “copernicana” do que se imagina: longe de ser um *enriquecimento* da psicologia clássica, a psicanálise é a demonstração da sua *derrota*. Constitui a primeira fase da ruptura com o ideal tradicional da psicologia, com

9 Os *Matériaux* devem ser apresentados em três volumes. Depois deste, haverá um volume sobre a *Gestalttheorie*, com um capítulo sobre a fenomenologia; o terceiro tratará do behaviorismo e das suas diferentes formas, com um capítulo sobre a psicologia aplicada.

10 A implantação da psicanálise na França confrontou-se com as idéias de Piérre Janet e as teorias da degenerescência e hereditariedade, entendidas como agentes etiológicos das patologias mentais, que dominavam a psiquiatria francesa na década de 20. Foi dentro desse contexto que a tradução para o francês da *Traumdeutung* apareceu em 1926. (NRT)

suas ocupações e suas forças inspiradoras; a primeira evasão da área de influência que há séculos a mantém prisioneira, da mesma forma que o behaviorismo é o pressentimento da próxima ruptura com suas noções e concepções fundamentais.

25. – A razão pela qual os psicanalistas colaboram com seus adversários para a canalização da revolução psicanalítica é que, em seu íntimo, conservaram uma “fixação” no ideal, nas categorias e na terminologia da psicologia clássica. Além do mais, é incontestável que o arcabouço teórico da psicanálise está repleto de elementos tomados à velha psicologia da *Vorstellung*.

Contudo, os adeptos da psicologia clássica não deveriam ter utilizado esse argumento. Querendo confundir o interior com a fachada, só chamaram a atenção para a incompatibilidade, na psicanálise, entre a inspiração fundamental e as teorias em que ela se encarna, cavando a própria cova. À luz dessa inspiração fundamental, manifesta-se a abstração da psicologia clássica e aparece a incompatibilidade verdadeira, que não é a da psicanálise com *certa forma* da psicologia clássica, mas da psicanálise com a psicologia clássica *em geral*. Mais ainda, graças à natureza dessa incompatibilidade, cada passo dado em direção da compreensão da orientação concreta da psicanálise tem, em contrapartida, a revelação de um procedimento constitutivo da psicologia clássica; por isso mesmo, a maneira como Freud exprime suas descobertas na linguagem e nos esquemas tradicionais é apenas um caso privilegiado que nos permite observar como a psicologia fabrica seus fatos e suas teorias.

De todo modo, não basta fazer a Freud a vaga acusação de intelectualismo ou associacionismo: é necessário destacar com exatidão os procedimentos que justificam essa acusação. Somos obrigados a reconhecer, à luz do verdadeiro sentido da psicanálise, que esses procedimentos, cuja falsidade foi alardeada com tanto orgulho, não passam de procedimentos constitutivos da própria psicologia e a acusação em foco revelar-se-á um caso particular da ilusão que não pára de perseguir os psicólogos e que consiste em acreditar que se alterou a essência, quando só se trocou a roupa...

26. – Queremos investigar o ensinamento que a psicanálise comporta para a psicologia demonstrando as afirmações anteriores. Nosso esforço será, por um lado, libertar a psicanálise dos preconceitos comuns a partidários e adversários e procurar sua *verdadeira inspiração*, opondo-a constantemente aos procedimentos constitutivos da psicologia clássica, da qual implica a negação. Por outro lado, e em nome dessa inspiração, analisaremos as construções teóricas de Freud, o que nos permitirá, concomitantemente, captar os procedimentos clássicos ao natural. Dessa maneira, não só obteremos uma visão nítida da incompatibilidade de que acabamos de falar, mas indicações importantes sobre a psicologia futura.

E pelo fato de que a análise deve ser precisa e deve captar a maneira como se elabora e constrói a psicanálise, achamos que seria melhor estudar a teoria do sonho. Pois o próprio Freud diz: “A psicanálise baseia-se na teoria do sonho; a teoria psicanalítica do sonho representa a parte mais acabada dessa jovem ciência.”¹¹ Por outro lado, é na *Traumdeutung* que melhor aparece o sentido da psicanálise e são mostrados com um cuidado e uma clareza extraordinários seus procedimentos constitutivos.

11 “Einige Bemerkungen über den Begriff des Unbewussten in der Psychoanalyse”, in: *Kleine Schriften zur Neurosenlehre*, IV. Viena: Folge, 1922, p. 165.